

Para Milliet, o acerto parcial já está fechado

Embora as negociações em Nova York continuassem ontem à noite, o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, garantiu em Brasília que o governo brasileiro já fechou um "acordo parcial" com os credores. Pelo acordo, segundo informou Milliet à Comissão da Dívida Externa do Senado Federal, o Brasil se compromete a fazer um depósito inicial correspondente a um mês de juros devidos (aproximadamente US\$ 500 milhões), contra um depósito dos bancos equivalente a três vezes essa importância.

Ainda segundo Milliet, o anúncio oficial do acordo deverá ser feito até o final deste semana, livrando desta forma o Brasil da reclassificação pelas agências federais dos Estados Unidos, o que cortaria todos os créditos do País.

O acordo, segundo Milliet, não tem qualquer condicionalidade quanto a uma ida futura do Brasil ao Fundo Monetário Internacional e deverá ser concluído até o final do ano. Mas o primeiro depósito, provavelmente no Banco Internacional de Compensações (BIS), na Suíça, poderá ocorrer na próxima semana, simultaneamente a um depósito de US\$ 1,5 bilhão por parte dos credores.

Segundo Milliet, este acordo não

significa a quebra da moratória, mas um sinal de boa vontade e disposição para negociar por parte do Brasil.

E o depósito dos bancos credores, a disposição destes em continuar oferecendo os recursos que o País necessita para manutenção do crescimento de sua economia.

Escapando da reclassificação, já que o item Brasil foi colocado como último assunto a ser tratado pela Interagency Country Exposure Review Committee, o que deve acontecer somente na sexta-feira, e havendo entendimento com os bancos credores, o Brasil poderia vir a depositar até US\$ 1,5 bilhão, contra depósitos de US\$ 2,8 bilhões a US\$ 3 bilhões por parte dos credores, até o final deste ano e início de 1988.

O acerto "substantivo", segundo o senador Chiarelli, está pronto, faltando apenas definir detalhes como a forma de aplicação desses recursos e a forma de retirada dessa "caução", caso o acordo definitivo não tenha êxito.

O presidente do Banco Central negou qualquer tipo de impasse nas negociações conduzidas nos Estados Unidos por Fernão Bracher e Antonio Pádua Seixas, e enfatizou a possibilidade de um acordo concreto até o final do ano.